

Brincando de casinha: Fragmentos de economia, cultura e educação.¹

Lia Tiriba^{2*}

Resumo

Partindo-se da premissa de que as relações vividas no cotidiano da unidade doméstica manifestam as relações sociais mais amplas que caracterizam a sociedade capitalista, toma-se como objeto de reflexão as formas pelos quais os processos de reprodução da vida vão se tornando subsumidos à lógica do capital. As “brincadeiras de casinha”, tanto de crianças como de adultos são apresentadas como metáfora, ajudando-nos a perceber a relação entre trabalho e educação, economia doméstica e economia planetária.

Palavras chave: Trabalho e educação. Cultura econômica. Economia doméstica.

Abstract

Starting from the premise that the relationships developed in the family unit express the social relationships that characterize the capitalist society, we can observe that the ways that we reproduce life events are subjected to the logic of the Capital. Kids play “doll house” and, even when played by adults, are shown as a metaphor, helping us understand the relationship between labor and education, domestic economy and planetary economy.

Keywords: Labor and education. Culture economy. Domestic economy.

1 Originalmente publicado em Frigotto, G. e Ciavatta, M.: *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002: 69-86

2 * Profa. da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense-UFF. Doutora em Ciências Políticas e Sociologia (Programa Sociologia Econômica e do Trabalho) pela Universidade Complutense de Madrid/Espanha. Membro do NEDDATE – Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação/ UFF. (liatiriba@oi.com.br)

Embora a gente conviva com a idéia de que “é preciso economizar”, há quem diga que a escola, como um peculiar espaço onde se transmite o saber historicamente acumulado, não tem nada a ver e não pode se meter no que acontece no mundo da política e da economia. Mas, na verdade, como os fundamentos filosóficos da produção da existência humana entram escola adentro? Como o ideário neoliberal entra em nossos lares, em nossa vida cotidiana? Que diferentes significados assume a economia num mundo globalizado?

Dizem que “escola é lugar para estudar”. Mas ... estudar o quê? Ao ser pintado de cor de rosa ou de rosa choque (cores que dizem ser das meninas), este espaço de produção e reprodução de conhecimentos pode contribuir para manter a névoa e/ou também para clarear a luz dos olhos de quem tenta decifrar o beabá da complexidade das relações sociais. Assim, a partir de cinco fragmentos que contemplam aspectos do processo de produção da vida (entre eles, as brincadeiras de casinha), nossa intenção é trazer elementos para pensar a economia como algo que não é apenas dos “economistas”, e tampouco se resume àquelas coisas difíceis que as pessoas tentam decifrar da seção “economia” dos jornais X, Y ou Z. Embora seu coração tenha sido roubado por meia dúzia de banqueiros do Fundo Monetário Internacional - FMI, a economia é algo que faz parte de nosso cotidiano, estando presente nos fóruns mais íntimos de nossa sociabilidade, quer quando tomamos conta da “casinha”, quer quando tomamos conta de nossa casa comum — o Planeta Terra.

Fragmento 1 : economia-do-rabo-de-lagartixa, economia doméstica e oikosnomia

Na década de 60, “economia doméstica” era um componente curricular do ensino fundamental, cujo objetivo era que as crianças e adolescentes aprendessem a “fazer bolo”, cuidar da casa, do marido e dos filhos. As escolas, ou melhor, a grande maioria das escolas estavam predispostas a querer ensinar, a sua maneira, o que nós (principalmente, as mulheres) aprenderíamos (mais cedo ou mais tarde) em nosso cotidiano doméstico. Afinal de contas, desde tenra idade, já havíamos vivido a experiência de fazer comidinha para as bonecas — muitas vezes, fazendo uso de um bem que a natureza nos oferecia: as lagartixas que tentavam passar despercebidas pelos arredores. Nas brincadeiras de casinha, tudo tinha a sua “ciência”: mesmo sem argumentos “científicos”, dizíamos que não existia maldade na economia-do-rabo-de-lagartixa. Apesar do sentimento de pena (e de culpa), sabíamos ter o corpo da pobre bichinha o poder de se regenerar. Mas, não tínhamos idéia de que, mesmo os “recursos renováveis” poderiam, um dia, se tornar escassos na casinha maior do planeta Terra.

Revirando as fotos e outras imagens da infância é possível recuperar as lembranças de tantas histórias vividas nas brincadeiras de casinha: o pai que vai para o trabalho, a filha que fica na cozinha ajudando a mãe a fazer o almoço, o filho que

tem que fazer o dever para levar para a professora... Sem falar do médico, que além de cuidar da saúde da família é um personagem chave no processo de descoberta da sexualidade. Quando a economia-do-rabo-lagartixa não é suficientemente “sustentável” para garantir a saúde física e mental da boneca (e também do boneco), eis que surge o enfermeiro (para dar uma injeção, é claro). E, finalmente o médico que vai receitar os remédios fabricados pelas multinacionais, transnacionais ou mesmo por aquelas poucas indústrias que ainda conseguem se manter no mercado global como indústrias “genuinamente brasileiras” e/ou “genuinamente caseiras”. (As últimas seriam aquelas cuja bula declara conter ingredientes que conservam antigos saberes populares, entre eles os saberes de uma cultura econômica não capitalista).

Para assegurar a divisão do trabalho doméstico, não faltam argumentos quanto a necessidade de cada um desempenhar o “papel social” que lhe cabe. Espelhado nos pressupostos do positivismo, o mundo da casinha é concebido como uma grande orquestra, regida por um maestro que consegue garantir a harmonia das relações sociais, graças às aptidões inatas e às inclinações individuais. (Afinal, “o que seria do vermelho se todos gostassem do amarelo?”). Na verdade, ao brincar de casinha, as crianças vivem intensamente relações amorosas, afetivas e também econômicas. No jogo do faz-de-conta, as meninas e os meninos dão suas primeiras “aulas de economia”, ensaiando as relações sociais de produção hegemônicas em nossa sociedade.

As brincadeiras de casinha nos remetem ao significado etimológico da palavra economia, a qual vem do grego Oikos (casa) e nemo (eu distribuo, eu administro). Oikosnomia significa, então, a “direção ou administração de uma *casa*” (Dicionário Aurélio, grifo nosso). Neste sentido, podemos inferir que a economia-do-rabo-de-lagartixa, como economia doméstica, é a primeira economia que vivemos e aprendemos. Desde as primeiras “aulas de economia” que acontecem no interior da casinha, é preciso observar outros indícios do cenário onde se constituem as relações sociais mais amplas, perguntando de que maneira as crianças, e também os adultos, vão interiorizando valores e práticas capitalistas, calcadas no ideário do “homem econômico”.

Fragmento 2 : cultura econômica e a cultura do “economês”

De acordo com a lógica do atual modelo de desenvolvimento, o enriquecimento material é a medida do êxito humano. As diferentes dimensões humanas são reduzidas ao campo econômico, pois é no mercado que o homem realiza seus desejos e encontra a sua liberdade ³. Assim, não por casualidade é possível encontrar muitas e muitas quinquilharias nos palácios, palacetes, quitinetes e casinhas de

3 Em 1729, em *A fábula das abelhas*, Mandeville (1982) já sustentava a idéia de que a avareza, a ambição e a inveja são as chaves para impulsionar a realização dos sonhos e construir uma sociedade próspera. No último terço do século XVIII, Adam Smith (1985) falava da “mão invisível” do mercado, capaz de coordenar os interesses dos produtores e consumidores e promover *A riqueza das nações*. No terceiro milênio, permanecem vivos os postulados do liberalismo econômico, hoje denominado de (neo)liberalismo.

sapê (onde vivem crianças e adultos). Desde pequenos, aprendemos a viver como “papalaguis”, e assim, seguindo o espírito da sociedade do consumo e do desperdício, aprendemos com os “homens brancos” que é necessário acumular uma quantidade imensa de “balaio”⁴ — a maioria de plástico, onde são guardados potes, potinhos, panelas, panelinhas, pratos, caixas, caixinhas, vasilhas, tigelas de todos os tamanhos e uma infinidade de utensílios domésticos que, quanto mais sofisticados, parecem imprescindíveis para que alguém possa enfrentar o corre-corre da vida moderna. Na verdade, quanto maior o número de bens (descartáveis) acumulados no interior da casinha (e do Planeta), maior o êxito do atual projeto de desenvolvimento econômico, calcado no produtivismo exacerbado e no desrespeito do homem com relação a outros homens e com a natureza. Conforme o ideário (neo)liberal, quanto mais consumimos, mais nos tornamos cidadãos. De cidadãos, fomos “promovidos” à condição de consumidores (Canclini, 1999).

Sendo a economia doméstica a ciência de como tentar garantir a reprodução ampliada da vida (e não apenas da vida biológica), é preciso considerar em que bases se realizam as relações sociais de produção da existência humana. Em uma casa com “berço esplêndido” ou num barraco em uma favela de uma megacidade? Muitas mães e pais, pertencentes aos setores populares costumam falar para os seus filhos e filhas pequenas: “Ô, filho, não desperdiça feijão por que a vida tá muito cara”. Logo em seguida e mais adiante, num AP de cobertura no Leblon, alguns poucos pais dizem para seus filhos e filhas: “Ah.. filhote, que pena, este ano nós não vamos poder viajar para a Europa. Temos que economizar, porque o dólar está subindo muito. Pode vir aí alguma grande crise econômica”. Evidentemente, as relações econômicas estão presentes no cotidiano da casa, do lar. No entanto, resta saber de que casa, de que domus estamos falando, pois diferentemente do que acontece nas muitas casas de praia e de campo de meia-dúzia dos “homens de negócio” do World Trade Center (símbolo do poder do capital), a imensa maioria da população planetária não consegue esconder barras do ouro debaixo do tapete ou do assoalho da sala de estar. (Tanto que, nos acontecimentos do dia 11 de setembro, em Nova York, não se sabe de nenhum Bill Gates que tenha sido vítima das consequências dos desastres provocados pelo poder dos norte-americanos. Isto, nada mais é do que a consequência do acirramento da contradição entre capital e trabalho — marca do que Lênin chamava “imperialismo”, hoje conhecido como “globalização da economia”).⁵

Para entender o que acontece no interior dos lares, seria necessário fazer um curso de economia? Para uma dona de casa, é possível decodificar o “economês” dos jornais da grande imprensa? Talvez para os “letrados em economia” seja mais

4 Fazemos referência ao livro “O papalagui” (s/d), o qual contém os depoimentos de Tuiávi, um nativo das Ilhas Samoas, que questiona a cultura do homem branco na sociedade industrial.

5 Para uma análise dos atentados do dia 11 de setembro e a crise de hegemonia dos Estados Unidos, ver o artigo de Fernandes Durán (2001).

fácil entender o significado da crise de hegemonia dos Estados Unidos⁶, como também o conteúdo político-social que está embutido nas siglas de tantos indicadores do (de)crecimento econômico: a flutuação das taxas de juros para compra da casa própria, o impostos sobre o territórios urbanos e rurais, a dívida externa, a dívida interna, a quantidade de royalties, as mudanças no cambio do dólar (e, agora, do “euro” — moeda do Mercado Comum Europeu, que tenta competir com o dólar). Como desmitificar toda a engenharia econômica que tenta esconder a pobreza e a miséria da imensa quantidade de pessoas que vivem abaixo da “linha de dignidade” ? ⁷ Como entender a economia, sem que necessariamente tenhamos que adquirir um diploma de Ciências Econômicas?

Refletir sobre brincadeiras de casinha nos ajuda a pensar a economia, a re-organizar as peças do caleidoscópio, a olhar de forma diferente para nossas próprias histórias — como histórias individuais e coletivas, vividas no contexto maior onde se desenvolvem as complexas redes de relações econômicas e, ao mesmo tempo, de produção de nosso existir como seres humanos. Certamente, o olhar de quem vive em uma megacidade, não é o mesmo de um camponês que vive em uma casa, aonde a luz chegou há pouco e, ali, “Roberto Marinho” é o mais novo convidado; é um estranho no ninho que janta como a família à beira de um fogão à lenha.

Fragmento 3: a “telinha” na sala de jantar (globalização e o “afeto sitiado”)

Como ter uma vida tranqüila, assistindo à “telinha” da TV? O que ela nos diz sobre economia? Que economia nos ensina? No Jardim do Éden moram as mil e umas tentações do capital. Quem não é professor (e quem não é aluno-trabalhador) que estuda de noite sabe que, ali na “novela das sete”, vive-se a emocionante disputa para ver quem vai levar a vantagem de assumir presidência da empresa. Afinal, que vantagem vai levar a morena mais bonita, que mora no subúrbio, ao tramar o golpe no galá apaixonado? E o tal cubano barbudo que, à revelia da revolução socialista, abriu um cassino em São Paulo? Será que ele vai se dar bem? Na verdade, já sabemos o final da história: no final de tudo, o homem rico se casa com a moça pobre e, felizes, vão morar numa casa muito bonita, em São Conrado, com vistas para o mar. Mas, apesar das desavenças entre “as filhas da mãe” que tentam levar vantagem em tudo, o mais importante é que “os capitalistas também amam”: o amor e a solidariedade estão acima de qualquer interesse (mesquinho) de qual-

6 Mais de 70% das empresas ditas transnacionais estão nas mãos dos norte-americanos, o que significa dizer que a globalização da economia vem fortalecendo o imperialismo USA. Ver o artigo de James Petras, “Globalización o imperialismo USA”, *El Mundo*, 03/03/1999.

7 Linha de Dignidade é um indicador econômico-político-social que tem como parâmetro a qualidade de vida, os direitos sociais e a participação política da população. Formulado pelos participantes do Programa Cone Sul Sustentável, o indicador advém de uma visão crítica do modelo de desenvolvimento vigente, pretendo ser alternativo aos indicadores tradicionais, como Linha da Pobreza e Linha de Indigência, utilizados pelos organismos internacionais. Ver Costa (2001:149-179).

quer capitalista. Enquanto isto, todo mundo continua sem saber quantas pessoas do planeta podem se dar ao luxo de viver num hotel cinco estrelas. Ninguém sabe (ou ninguém se apercebe) das relações de trabalho e, muito menos, se os trabalhadores do Éden as consideram como paraíso ou inferno.

Na era da globalização da economia (tanto de bens materiais como de bens simbólicos), nosso cotidiano doméstico corre o risco de ficar cada dia mais “domesticado” a medida em que a “telinha” também tenta nos convencer, por exemplo, de que o sucesso da “energia solidária” depende apenas de nós. Economizar é a palavra de ordem: economizar luz, economizar energia, economizar dinheiro... economizar o planeta em nome de uma economia que, para os pobres e miseráveis, a luta pela sobrevivência torna-se um verdadeiro “campo de guerra”. Embora a guerra seja algo para “combater o mal”, ou seja, combater a violência, nada é dito no telejornal a respeito das “indústrias de guerra” que gastam US\$ 800 milhões na produção de armamentos bélicas⁸. Os meios de comunicação dizem “não às armas”, mas escondem que existem outras formas cotidianas de violência. Como disse Carlos Rodrigues Brandão, nada mais violento do que uma pessoa sofrer a humilhação pelo fato de não ter o dinheiro para pagar o cobrador de ônibus, não ter direito à saúde, não ter direito a fazer a matrícula do filho na escola.⁹

Nos lugares muito distantes da cidade, o problema é que, quando chega a luz, chega também os “Roberto Marinho” e os “Silvio Santos” da vida, com seus valores e padrões de comportamento que, sob a égide da qualidade total, asseguram a hegemonia do capital sobre o trabalho. Ao invadir nossas casas, a televisão modifica as relações sociais, inclusive as relações familiares e de vizinhança. O fetiche da mercadoria toma conta da economia doméstica. Acompanhando o avanço tecnológico, as bonecas de pano vão se transformando em Barbies que sabem dançar e falar no telefone celular; o fogão à lenha toma, agora, a aparência de um forno de micro-ondas (qualquer dia desses movido à energia nuclear). *A economia doméstica, no interior da unidade doméstica, torna-se então uma economia globalizada.* Nesta perspectiva, também os meios de comunicação e (des)informação tem tentado estimular a prática de um novo olhar para re-descobrir os novos contornos, desenhos e geografias dos “papéis” que devem ser desempenhados pelos diferentes atores sociais. Pretende-se que o modelo de relações sociais seja aquele desenvolvido no interior da casinha da “novela das oito”, onde a globalização impera e se reproduz na porta de serviço do elevador de um alto empresário que se apaixona por uma moça muito pobre¹⁰.

Diante do caos urbano e da crise de valores, as pessoas reivindicam o afeto que está mais além da “telinha”. Como em *Onde andarás?* (de Caetano Veloso e

8 Revista *Outras Palavras*, n.26, 16 de janeiro de 2002 (site www.portoalegre2002.net).

9 24a Reunião Anual da ANPêd – Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação. Mesa-redonda sobre “Violência e educação”, Caxambu, outubro 2001.

10 Em *O caleidoscópio eletrônico*, Jefferson da Barros (1989) tece uma excelente análise sobre a influência dos meios de comunicação e o poder de sedução que os programas de televisão..

Fernando Goulart), perguntam onde a afetividade se esconde: “em que casa, em que bar, em qual esquina”? Quanto à relação entre trabalho e afeto, Codo (1992) enfatiza que, ao contrário do homem que é portador da “razão capitalista”, era a mulher que, ao cuidar da casa, canalizava e potencializava as afetividades daqueles que voltavam da rua, do trabalho e da escola (inclusive da escola de samba). Com a saída da “rainha do lar” para o mercado de trabalho (e do subtrabalho), a subjetividade entra em “estado de sítio”. Com os novos desenhos da divisão internacional (e uni-sexi?) do trabalho, homens e mulheres se vêem diante do desafio de se adaptar (e/ou resistir) às tênues fronteiras do lar e da empresa, impostas pelo novo padrão de acumulação capitalista.

Ao invés de “trabalho doméstico”, volta-se a falar em “trabalho a domicílio”, o qual tem suas raízes nos séculos 17 e 18, quando a vida familiar e o trabalho estavam intimamente relacionados (Abreu e Sorj, 1993). No final do século 20, o trabalho invisível do “tele-trabalho” se esconde, cada vez mais, no seio dos lares, contribuindo ainda mais para fragmentar trabalho e afeto. Com o estabelecimento da “facção” como uma artimanha para flexibilização dos direitos conquistados pelos trabalhadores, mais que nunca, a casa e o lar voltaram a ser os mais novos espaços do trabalho (leia-se, do trabalho produtivo, ou seja, produtivo para o capital).

De um lado, o ingresso da mulher no mundo do trabalho assalariado tem contribuído para quebrar estereótipos e tornar “iguais” os homens e as mulheres. De outro, quando todos conquistam o “direito de ser explorados”, o fato é que a casa já não representa a possibilidade de se tornar um lar, um *locus* para onde vão se dirigir as energias do amor. Como diz uma pequena empreendedora de confecções da marca “Marie”, a racionalidade capitalista tem nos tornado irracional: *Tem gente que só olha o objetivo. Não vê o que está em volta. Não dá importância... passa por cima. [Isto,] porque ela tem que optar: ou o envolvimento pessoal ou o objetivo. [Essas] são conclusões que a gente vai tirando ao longo da vida: tem gente que traça uma meta, e não vê outra coisa a não ser a meta. Se o filho fica doente, se o outro está precisando de dinheiro, tudo é secundário.*

Fragmento 4: Gênero, subjetividade e cultura do trabalho

É curioso o fato de que em muitos países onde se fala castelhano, “jugar a las mamás” significa “brincar de casinha”. Assim, vale ressaltar que no processo de construção da realidade onde se situa a Casa Comum, a idéia de reivindicar o “feminino na economia” (Mies e Shiva, 1998) não significa que as mulheres são as que vão mandar no Planeta Terra, e muito menos na casinha (como muitos homens e muitas mulheres criticam ou acreditam que deva ser). Não se trata de ver “quem canta de galo” no amanhecer da casa do vizinho, tanto que, ao longo da história do capitalismo, as mulheres têm protestado. Elas dizem que já não suportam mais a

divisão do trabalho que o capital lhes impõe: ser a responsável pela casa, pelo cuidado do bem estar do marido e dos filhos (para que eles se tornem cada vez mais produtivos para o capital). Agora, mesmo com a participação do companheiro nos afazeres do lar, as mulheres vivem a tripla jornada de trabalho. Afinal, a liberdade dos trabalhadores e trabalhadoras não se realiza no trabalho assalariado e, muito menos, no mercado capitalista, no qual, a força de trabalho é uma mercadoria, ou seja, uma coisa que pode vendida em troca de um salário.¹¹

Ao pressupor que o processo de trabalho se constitui como parte integrante do longo processo de construção da subjetividade, Wanderley Codo nos fala sobre as formas objetivas e subjetivas, pelas quais os homens se fazem homens. Diz que sempre existe uma transferência de subjetividade ao produto do trabalho. “Trabalhar é impor à natureza a nossa face” (Codo, 1992, p.189) assim, ao final do processo de trabalho, o mundo fica cada vez mais parecido conosco. Na verdade, quando não controlamos o processo e o produto não mais nos pertence, “nossa subjetividade é depositada ali, fora de nós, nos representando” (Ibid:190). Nesse contexto, com tantas inquietudes, até a casa que foi construída por nós, pode tornar-se estranha para nós.

Ora, da mesma maneira que o arquiteto, os homens e mulheres comuns (que não foram à universidade) também precisam construir as suas casas, construir o seu *habitat* — mas, não como uma abelha, mas como um ser que é capaz de planejar sua obra e seu destino. Sendo o trabalho uma atividade humana, a diferença entre o pior a arquiteto e a melhor abelha, é que o primeiro é capaz de conter ativamente o seu desejo, uma vez que usufrui a “tridimensionalidade do tempo” (Kosik, 1995); tem uma quantidade enorme de dimensões que lhe favorece a capacidade de projetar na mente a realização de sua fantasia, mesmo que de forma escrupulosa. No entanto, é preciso não esquecer que, no longo processo de reconstruir o planeta em que vivemos, o fim do trabalho alienado tem como pano de fundo a perspectiva da transformação do próprio trabalho, como elemento de mediação na relação que os homens estabelecem entre si e com a natureza. Nesta mediação, também é preciso perguntar o que se entende pelo segundo tipo de relação: a do homem com a natureza.

A todo o momento, a todo instante, os homens e as mulheres estão vivendo intensas relações econômicas, tanto na sua casinha de brinquedo, como nas demais casinhas que se localizam no interior da casa comum, chamada de Planeta Terra. No entanto, trata-se de saber o caráter dessas relações. Ao existir uma gama variável de atividades e estilos de trabalho, existe também uma variada gama de culturas do trabalho (Tiriba, 2001), as quais, permeadas por questões de condição econômica, raça e etnia sintetizam as maneiras como o homem se faz homem no espaço e tempo do seu percurso histórico. Neste percurso, encontram outros

11 Em *O trabalho assalariado e capital*, Marx (1987) diz que a contradição fundamental entre capital e trabalho tem suas bases materiais e imateriais assentadas no trabalho assalariado e na propriedade privada dos meios de produção.

elementos conformadores de sua existência, como por exemplo, o sexo (entendido no sentido de gênero masculino e gênero feminino) – que tanto interfere na formação e constituição humana, como também na forma de fazer e pensar a economia. Talvez daí, a idéia de se falar em “ecofeminismo” e/ou de reivindicar e fortalecer o aspecto feminino da relação entre o ser humano e a natureza (Mies e Shiva, 1998).

No contexto da nova ordem internacional, um dos desafios é saber quais os espaços e tempos da formação humana que contribuem para fortalecer a hegemonia do trabalho sobre o capital. Considerando que no processo de trabalho, os homens promovem algum tipo de cumplicidade nas relações entre si e com a natureza, é preciso construir uma Casa Comum auto-sustentável, ou seja, que não repercuta em dívidas do homem com outros homens e com os demais elementos da natureza (e muito menos, em dívida externa). Afinal, nos encontros e (des)encontros do homem consigo mesmo e com outros homens, qual a relação que vimos estabelecendo com a natureza? Uma relação de afeto ou uma relação de dominação?

Fragmento 5: Oikonomia, economia popular e os sem-teto

Economia vem o grego *Oikos*, que significa casa. Mas, e quando as pessoas não têm casa? Como administram seu cotidiano de vida? Para os moradores-trabalhadores-de-rua, a casa pode estar ao relento numa praça pública ou debaixo de uma marquise. Para garantir a reprodução da vida, os “sem terra” que aos poucos vão virando “sem teto” recuperam, reutilizam e reaproveitam o “lixo brilhante do Leblom” (como diria Caetano Veloso), criando variadas estratégias de trabalho e de sobrevivência. Para essas pessoas, a divisão social do território torna-se um verdadeiro “muro de Berlin”: para limpar as ruas da metrópole, os “marginais” são empurrados para a periferia, para os confins da cidade. Como lembra Carrano (1999:364), além da distância física, “o mais grave na separação entre centro e periferia está no distanciamento cultural e político que afasta e marginaliza o conjunto dos cidadãos periféricos da possibilidade de participação e da convivência democrática com a totalidade da cidade”.

De acordo o Dicionário Aurélio, a economia doméstica é a “arte ou técnica de administrar ou executar as tarefas do lar”, talvez por isso seja comum dizer que onde comem três, comem quatro. Afinal, muita gente também já ouviu falar que as mulheres que moram nas favelas conseguem transformar meio quilo de carne de segunda, em um Angu à Baiana para vinte pessoas. Nos bairros populares, tem feijoada e muita cerveja para comemorar o batizado do filho do ex-operário metalúrgico que agora trabalha “fazendo bico” como auxiliar de pintor. Ora, como não existe vida biológica sem vida social e afetiva, não é difícil entender o porque de tanta energia nos churrasquinhos e nas festas promovidas por aqueles que vivem nos bairros populares e nas ruas da cidade.

“Milagre dos pães” ou “economia da idade da pedra? (Sahlins, 1983). Apesar do poder quase mágico de criar alternativas de trabalho e sobrevivência, são poucos os economistas que conseguem desvendar qual a “ciência popular” de viver com um ou dois míseros salários mínimos. Embora não detenham, com “cientificidade”, os segredos dos projetos neoliberais de exclusão social que propiciam a produção de mais e mais “desfilados” (Castel, 1999), não são poucos (ao, contrário, são muitos) os que perambulam pelas ruas da cidade, em busca de tornar estável a sua economia doméstica. Mesmo quando um grande contingente da população vive do trabalho por conta própria, a economia popular (Tiriba, 2001) não se constitui numa economia legitimada pelo poder público, até mesmo porque dizem que ali as relações são (in) formais. Na verdade, a demarcação da fronteira entre o que é “trabalho formal” e “trabalho informal” tem como pano de fundo o maior ou menor controle do Estado em relação ao empreendimento econômico.

Se, conforme o Aurélio, a economia é “a arte de bem administrar uma casa ou um estabelecimento particular ou público”, podemos dizer que fazer economia não é apenas um atributo de quem é bacharel em ciências econômicas. O tempo todo, também as pessoas estão fazendo e falando de economia. Ao brincar de casinha, ao organizar o casebre ou o palacete, tanto as crianças como os adultos tratam de questões econômicas, embora nem todos usufruam os instrumentos teórico-metodológicos que permitem chamar de “ciência” seu fazer e seu pensar. Ao excluir os setores populares como sujeitos econômicos, a “ciência econômica” tem se dedicado a medir as atividades que estimulam a competitividade do mercado, independentemente das mesmas serem destrutivas e desumanizadoras, comprometendo a relação do homem com a natureza e dos homens entre si. Em um mundo em que o capital tem hegemonia sobre o trabalho, aqueles mesmos atores sociais que se tornam invisíveis perante os olhos dos historiadores, tornam-se também invisíveis para os “economistas” (Max-Neeff, 1986).

De uma forma repugnante, os meios de comunicação e (des)informação veiculam a idéia de que “pobre é pobre porque não gosta de trabalhar”; que os excluídos do mercado formal de trabalho estão desempregados porque não adquiriram as “competências básicas para a empregabilidade”. Fazendo coro com os magnatas que controlam a “sociedade de mercado”, o governo de Fernando Henrique Cardoso vem estimulando o programa “Brasil Empreendedor”, pois na “economia dos pobres” o que vale é o esforço próprio e a solidariedade. Dizendo que é preciso “aquecer a economia nacional”, ao mesmo tempo, FHC tenta aprovar diversos projetos de cunho neoliberal que flexibilizam (leia-se precarizam ainda mais) as relações de trabalho — calcadas no direito burguês que confere aos proprietários dos meios de produção o direito de exploração da força de trabalho.

Num momento em que muito se fala de solidariedade e, inclusive de “economia solidária”, seria prudente fazer um inventário (no sentido gramsciano de reconstituir a gênese) das diferentes estilos e práticas de solidariedade. Além disso,

diante da complexidade das relações sociais, seria preciso entender de que maneiras, no mundo da cultura capitalista do trabalho, a educação consegue se manter como a grande mercadoria do século XXI. Mas, estes já seriam assuntos para “Brincando de Casinha II” e, quem sabe, para quem deseja exercitar as aventuras de “Brincar de Escolinha” (de preferência, uma que não seja como a do “Prof. Raimundo”).

* * * *

Diz o ditado popular que “quando a pobreza entra pela porta [da casinha], o amor sai pela janela”. Elton Medeiros, compositor popular, diz que “economiza quem não sofre mal de amor...” Mas, afinal, o que a escola tem a ver com isso? Significa que é preciso voltar a estudar “economia doméstica”? Significa que é preciso aprender a brincar, seriamente, de casinha?

Ao se debruçar sobre as relações econômicas que os alunos estabelecem no cotidiano de suas vidas e, inclusive em sala de aula, o processo educativo pode contribuir para desvendar o “economês” que tenta esconder os segredos, dissimular a selvageria e a perversidade da economia capitalista. Além disso, é preciso descobrir e fortalecer outras tessituras da formação humana, outras redes de sociabilidade, outras maneiras de produzir, distribuir e consumir, tendo como perspectiva uma nova cultura do trabalho, uma nova cultura econômica. Afinal, como diz Willian Reich, “amor, trabalho e sabedoria são as fontes de nossa vida. Deviam também governá-la”.

Referências

- ABREU, Alice R. de Paiva; SORJ, Bila (Orgs.). **O trabalho invisível**: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.
- BARROS, Jefferson de: **O caleidoscopio eletrônico**. Visões críticas da televisão brasileira. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1989
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CARRANO, Paulo. **Angra de todos os Reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados na cidade. Universidade Federal Fluminense, 1999 (Tese de Doutorado).
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CODO, Wanderley. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- COSTA, Dora H. “Linha de dignidade: a construção de um novo indicador”. In: **Revista Movimento**: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, n.4 (setembro 2001). Niterói: Intertexto, 2001
- FERNÁNDEZ DURÁN, Ramón: **Bush y su Santa Alianza, en el imperio contraataca**. Tambores de “guerra permanente” en la gestión del capitalismo global. Madrid, 2000 (mimeo).
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MANDEVILLE, Bernard. **La fábula de las abejas o los vicios privados que hacen la prosperidad pública**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital**. São Paulo: Global Editora, 1987.
- MAX-NEEF, Manfred. **Economía descalza. Señales desde el mundo invisible**. Estocolmo/Buenos Aires/Montevideo: Editora Nordan, 1986.
- MIES, María y SHIVA, Vandana. **La praxis del econfeminismo**. Barcelona: Icaria, 1998.
- SAHLINS, Marshall. **Economía de la edad de piedra**. Madrid: Akal, 1983.
- SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- TIRIBA, Lia: **Economia popular e cultura do trabalho**. Ijuí: Unijuí, 2001.
- TUIÁVII. **O Papalagui**. São Paulo: Marco Zero, s/d.

Recebido em:	09/01/2007
Aceite em:	23/03/2007